

REGINA STELA BARCELOS MACHADO

M E M O R I A L

1991

REGINA STELA BARCELOS WACHADO

Apresentado ao concurso para provimento de cargo de Professor Assistente junto ao Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Regina Stela Barcelos Machado

1-11 Doc. Koudeli

Regina Stela Barcelos Machado

A MEMÓRIA DA MEMÓRIA: UMA METÁFORA INTRODUTÓRIA

A FIANDEIRA FÁTIMA E A TENDA

Uma vez, numa cidade do mais longínquo Ocidente, vivia uma moça chamada Fátima. Era filha de um fiandeiro que certo dia lhe disse:

- Filha, faremos uma viagem, pois tenho negócios a tratar nas ilhas do Mediterrâneo. Talvez lá você encontre algum moço atraente, de boa posição social e com quem poderá casar-se.

Iniciaram então a viagem, indo de ilha em ilha, o pai tratando de seus assuntos e Fátima sonhando com o homem que poderia vir a ser seu marido. Mas um dia, quando se dirigiam a Creta, armou-se uma tempestade e o barco naufragou. Semi-inconsciente, Fátima foi arrojada pelas ondas a uma praia próxima de Alexandria. Como seu pai morrera, ela estava agora inteiramente desamparada.

Só conseguia se lembrar vagamente do que fora sua vida até a dura experiência do naufrágio, e de ter estado prestes a morrer afogada. Sentia-se exausta e aturdida.

Enquanto vagava pela praia, uma família de tecelões a encontrou. Apesar de serem muito pobres, levaram-na para a sua pequena casa e lhe ensinaram seu ofício. Desse modo, ela iniciou uma segunda vida e durante dois anos voltou a ser feliz, resignando-se com a sua sorte. Mas um dia, estando na praia, um grupo de mercadores de escravos desembarcou e a levou, junto com outros cativos.

Embora se lamentasse bastante, Fátima não despertou qualquer compaixão nos traficantes, que a levaram a Istambul, onde a venderam como escrava.

Pela segunda vez, o mundo de sonhos e esperanças da jovem ruína. Mas quis a sorte que no mercado houvesse poucos compradores na ocasião. Um deles era um homem que estava atrás de escravos para trabalharem em sua serraria, onde se fabricavam mastros para embarcações. Ao perceber o ar desolado e o abatimento de Fátima decidiu comprá-la, pensando que assim, pelo menos, poderia oferecer-lhe uma vida um pouco melhor do que a jovem teria se fosse adquirida por outro comprador.

Ele levou Fátima para sua casa, com a intenção de fazer dela uma criada para sua esposa. Mas ao chegar em casa, soube que perdera todo o seu dinheiro num carregamento que fora roubado por piratas. Não poderia agora arcar com os gastos tidos com trabalhadores e assim, ele, Fátima e sua mulher se viram sozinhos para levar a cabo a pesada tarefa de fabricar mastros.

Grata a seu empregador por tê-la resgatado, Fátima passou a trabalhar com afinco e tão bem, que ele lhe deu a liberdade e a fez seu ajudante de maior confiança. E foi assim que ela chegou a se sentir relativamente feliz em sua terceira profissão.

Certo dia seu patrão lhe disse:

- Fátima, quero que vá a Java, como minha representante, com um carregamento de mastros. Certifique-se de estar vendendo-os bem.

Ela partiu então. Mas quando o barco estava na altura da costa chinesa foi alcançado por um tufão. E uma vez mais, Fátima se viu lançada como naufraga a uma praia de um país desconhecido. E outra vez chorou amargamente, por sentir que nada em sua vida acontecia de acordo com suas

esperanças. Sempre que algo parecia caminhar bem, um incidente ocorria e tudo ia por água abaixo.

- Por que será - ela exclamou pela terceira vez - que sempre que tento fazer alguma coisa, ela fracassa? Por que têm de ocorrer tantas desgraças comigo? - Mas não obteve resposta a suas indagações interiores. E assim teve de levantar-se da areia e caminhar pela praia. Aconteceu, no entanto, que ninguém na China jamais ouvira falar de Fátima, nem sabia de seus problemas. Mas corria uma lenda de que ali chegaria um dia certa mulher estrangeira, capaz de confeccionar uma tenda especial para o Imperador. E já que até então não havia ninguém na China apta a tal serviço, todos esperavam o cumprimento daquela predição com a mais viva ansiedade.

Para assegurar-se de que a estrangeira ao chegar não passasse despercebida, ou fosse confundida com outra pessoa, os sucessivos imperadores chineses costumavam enviar arautos uma vez por ano a todas as cidades e aldeias do país, solicitando que cada mulher estrangeira recém-chegada fosse logo encaminhada à Corte.

Justamente numa dessas ocasiões é que Fátima, muito cansada, chegou a uma cidade costeira da China. As pessoas do lugar falaram com ela por meio de um intérprete, explicando-lhe então que tinha de ir ver o Imperador.

- Senhora - disse o rei, quando Fátima foi conduzida à sua presença, no palácio -, sabeis fabricar uma tenda?

- Creio que sim, alteza.

E pediu que lhe trouxessem cordas, mas não as havia ali. Então lembrando-se de seus tempos de fiandeira, recolheu linho e confeccionou as cordas. Depois pediu uma tela forte, mas os chineses não dispunham do tipo de que ela necessitava. Apelando então à sua experiência junto aos tecelões de Alexandria, fabricou uma tela resistente para a confecção de barracas. Logo

viu que precisava de estacas para suporte da tenda, mas também não as encontrou na China. Então Fátima, recordando-se de como fora instruída a respeito pelo fabricante de mastros em Istambul, fez com muita habilidade uns suportes sólidos. Quando estes ficaram prontos, ela puxou de novo pela memória, buscando lembrar-se de todas as tendas que havia visto em suas viagens. E vai daí que a tenda real ficou pronta.

Quando tal maravilha foi anunciada ao Imperador da China, este ofereceu a Fátima como recompensa dar-lhe o que ela mais almejasse. Então Fátima escolheu estabelecer-se na China, onde depois se casou com um formoso príncipe. Rodeada de seus filhos e do carinho do marido, viveu muito feliz até o fim de seus dias.¹

¹ in Idris Shah - Histórias dos Dervizes. Ed. Nova Fronteira. RJ 1976. pp.81-84

A NARRATIVA

"Todo ser humano tem uma pergunta que orienta a forma como se relaciona com o mundo, durante o trajeto de sua história de vida. É por isso que se diz que um escritor, por mais livros que tenha escrito, escreve na verdade apenas um único livro. O "tema" existencial de cada um manifesta-se, explícita ou implicitamente, nas mais variadas atitudes, atividades, crenças, costumes e lembranças, de modo consciente ou inconsciente, e permanece como um LEIT MOTIF que anima ou, às vezes, desanima o percurso de uma vida.

Até onde a memória alcança, minha pergunta sempre girou em torno do significado da arte de aprender e, ao mesmo tempo, da aprendizagem que a arte propicia. Ou, dito de outra forma, a arte sempre foi minha melhor fonte de conhecimento; através dela pude experimentar o sabor do conhecer, do conhecer-me e aos outros, por debaixo das vestes que repetem fórmulas, guardiãs do conhecido, desculpas sofisticadas e sedutoras contra o desejo de perguntar.

Aprendi a observar desde cedo que, se em geral as coisas que os adultos me davam a conhecer pareciam muitas vezes sem sentido e me faziam desconfiar, qualquer contato com a arte, ao contrário, me trazia uma certeza inexplicável.

Retomando ao longo do tempo minhas experiências de aprendizagem, percebo que a arte sempre esteve presente como fonte de conhecimento, ordenando significações, indicando novos caminhos e direções. A primeira vez que enfrentei minha contingência de pessoa humana, a solidão e a unicidade do estar no mundo, foi quando, na pré-adolescência, escrevi um texto

literário que expressava minha perplexidade diante da realidade do mundo adulto.

A primeira vez que enfrentei o mundo adulto e, neste enfrentamento, experimentei minha individualidade, foi em cima de um palco, com 15 anos de idade. O significado destas experiências enraizou-me de tal forma a direcionar daí para frente um projeto de vida ancorado na certeza de que a Arte, como disse John Dewey (1958, p.271), é a extensão do poder dos ritos e cerimônias, que une os seres humanos aos incidentes e cenas da vida, através de uma celebração conjunta; assim, torna-os conscientes de sua ligação uns com os outros, em origem e destino.

Aprender a aprender, através da arte, tem sido há muito tempo o objetivo do meu trabalho profissional, da minha busca de conhecimento, da minha vida como mulher e como ser humano.

O termo Arte Educação, com ou sem hífen, é bastante controvertido e tem gerado inúmeras polêmicas. Processa-se interminavelmente a anedota dos cegos e do elefante. Para o cego que toca a orelha do elefante, arte não se ensina. Para outro que toca a perna do elefante deve-se dizer arteducação; outro que toca o rabo do elefante pergunta: por que não se diz, então, matemática educação ou geografia educação? O cego que lateia o corpo do elefante afirma que a arte forma a pessoa completa (ao que Arnheim pergunta: será que os professores sabem qual a diferença entre formar uma pessoa completa e uma pessoa esbelta?), outro diz que a arte propicia a educação visual, outro mostra que ela é a redenção da humanidade, outro chama o elefante de educação da sensibilidade, outro o nomeia "desenvolvimento da criatividade".

De qualquer forma, para mim, como um cego a mais - por que não? - tal denominação envolve uma relação cuja natureza expressa o que sempre foi

a minha pergunta essencial e, ao mesmo tempo, contém em semente a possibilidade de uma resposta. De um lado, o fenômeno artístico, de outro, a educação como processo de formação de indivíduos, me levam a indagar sobre a natureza da Arte enquanto forma de aprendizagem. O que e como é possível aprender através da Arte?"

Escolhi iniciar esta narrativa com uma citação do texto que introduz minha tese de Doutorado: trata-se de uma síntese que na época me surgiu como uma decorrência natural do percurso de reflexão que orientou a ordenação escrita do meu trabalho. Diante da tarefa cumprida, defrontei-me com a necessidade de explicitar o sentido que em última instância configurava e organizava o caminho intelectual percorrido naquele momento da minha vida profissional. Pude então perceber, recontando minha própria história, os vários elos explícitos ou implícitos que vêm ao longo do tempo revelando fotografias diferentes de uma mesma cena que posso descrever assim:

No primeiro plano, uma criança e uma professora. A criança está ali aprendendo. A professora está ali aprendendo a ensinar. Em outros planos, como naqueles jogos em que as figuras se ocultam na paisagem, há inúmeras possibilidades para serem desveladas, ocultas nas rachaduras das paredes, através da janela aberta, circunstâncias de aprendizagem as mais variadas, combinações a serem adivinhadas ao longo de uma vida de busca de conhecimento.

Por isso a história de Fátima a Fiandeira serve tão bem como metáfora, estabelecendo uma analogia profunda com esta idéia. Em muitos contos tradicionais a China simboliza o conhecimento e Fátima passa por vários tipos de aprendizagem que aparentemente nada têm em comum, mas que contribuem finalmente para tecer a forma do tapete de sua vida, realizando na China a configuração do conhecimento obtido.

Tal como na história de Fátima, o propósito inicial que para ela era se casar (o casamento no conto tradicional simboliza o encontro do ser humano consigo mesmo, com sua própria alma), na minha história esteve sempre presente como uma pergunta: qual a importância da Arte na vida do ser humano e como isto pode ser aprendido?

Ainda adolescente, eu reunia as crianças da rua para desenhar e pintar. Era sem dúvida uma continuação ingênua da brincadeira de escolinha que todas as crianças adoram, mas já tinha uma marca indiscutível de primeiro elo: não era uma escolinha qualquer, era uma escolinha de arte.

Pouco depois, com 17 anos escolhi prestar vestibular em duas faculdades, de Ciências Sociais e de Teatro. Até onde podia ser, era uma escolha consciente: eu achava então que precisava aprender a pensar a condição humana dentro da sociedade, da política e da cultura, por isso as Ciências Sociais. Mas eu já sabia que não tinha a menor intenção de me tornar socióloga, nem mesmo uma socióloga da Arte. Eu queria, pensava, ser atriz. Assim como Fátima queria viajar para encontrar um noivo.

Mas afinal, na primeira fase eliminatória do vestibular da ECA, fui reprovada: a primeira prova, de conhecimentos gerais, tinha incontáveis questões sobre Getúlio Vargas e minha cabeça estava cheia de obras de arte, peças de teatro, filmes do cinema novo e não sobrava nenhum espaço para Getúlio. Embora tenha passado em quarto lugar no vestibular muito mais difícil da Ciências Sociais, não pude realizar meu então real objetivo e o interessante é que não tentei uma segunda vez entrar na ECA.

No primeiro ano da faculdade, tive duas experiências marcantes. A primeira foi logo no primeiro dia de aula de Sociologia, da profa. Maria Alice Foracci. Ela falava sobre Durkheim e eu tive a impressão de estar numa aula de grego. Não consegui entender nada e saí dali com a certeza de que algo

muito errado se passava ou comigo ou com a escola que tinha frequentado até então. De qualquer forma eu achava que tinha sido enganada. Pois se desde o primário eu sempre tinha sido uma boa aluna, sem nenhum problema de aprendizagem, sempre a primeira ou a segunda da classe, então o que estava acontecendo agora? Por que eu não compreendia o raciocínio da sociologia? Para que eu tinha sido preparada e como, na escola de primeiro e segundo grau?

Esta experiência me levou a focalizar minha atenção no processo de escolarização e dirigiu minha busca de conhecimento para o processo de aprendizagem.

Ao mesmo tempo, neste mesmo ano, uma das figuras ocultas, uma das mais importantes da cena que descrevi no início deste texto, se revelou pela primeira vez. Ela não estava "no programa", assim como não estava "no programa" de Fátima se tornar tecelã. A segunda experiência marcante dos meus 18 anos foi conhecer uma Escolinha de Arte de verdade, augurada antes nas brincadeiras adolescentes que eu fazia com as crianças. Foi quando encontrei através da indicação de uma amiga a Escolinha de Arte de São Paulo recém inaugurada por Ana Mae Barbosa. Jamais poderia imaginar naquela época a importância que Ana Mae teria na minha vida, entrando assim meio por acaso para desvelar uma forma escondida, entre um destino de socióloga e um destino de atriz.

O que vivi na Escolinha foi uma descoberta multifacetada e privilegiada: o trabalho criador das crianças florescia através da proposta trazida por Ana Mae, marco decisivo na história do ensino da Arte em São Paulo. Já então se discutia ali a importância do desenvolvimento da percepção e dos princípios da forma artística como parte integrante do processo de formação da criança. Enquanto em outros lugares imperava a livre expressão, Ana Mae já tratava de

conceitos que só muito mais tarde começaram a ser discutidos. As sementes de metodologia triangular já estavam sendo plantadas ali naquele casarão da Rua José Maria Lisboa, hoje um desses inúmeros prédios de apartamentos com a banalidade estampada nas samambaias que se vêem através das janelas.

Pode também conhecer o trabalho vigoroso de Joana Lopes e Madalena Freire. Joana experimentava na Escolinha o início de uma pesquisa que a tornou a mais séria, a mais apaixonada, a mais visionária e silenciosa profissional do ensino do Teatro no Brasil. A ela devemos muito, o tempo o dirá. Madalena também era uma jovem professora de Arte, recém chegada da Alemanha que depois seguiu seu caminho contribuindo muito para sacudir o mofo secular da pré-escola, onde quer que seu livro *A Paixão de Conhecer o Mundo* tenha chegado, em Araraquara ou Rondônia.

A atmosfera que se respirava na Escolinha era de intenso vigor intelectual, é claro, alimentado pelo furacão de Recife, mais conhecido como Ana Mae. Ela trazia para conferências e debates intelectuais de várias áreas, de Literatura, Política, Estética.

Ao mesmo tempo iniciei minha primeira aventura com tintas, pincéis, cores e formas. Durante as aulas com Ana Mae trabalhávamos no atelier depois que os adolescentes iam embora e me lembro até hoje dos ingênuos desenhos com lápis de cera e anilina que produzi com gosto, imagens coloridas de descoberta.

Estudávamos também os primeiros mestres, Lowenfeld e Herbert Read, os iniciadores do que começou a se chamar Arte Educação; muita gente até hoje pensa que são os únicos autores que existem nesta área. Ossos do ofício.

Embora eu tenha ficado até o fim na faculdade de Ciências Sociais, continuei o caminho iniciado na Escolinha até hoje, por atalhos às vezes, por trilhas insuspeitadas, abismos e becos sem saída. Outras vezes quis chegar a

Campinas passando por Portugal, Hong Kong e Estocolmo, foi muito mais difícil mas novamente como na história de Fátima, destino é destino.

Quando a Escolinha fechou em 71, fui dar aulas no IADÊ - Instituto de Arte e Decoração. Trabalhei tanto no curso colegial quanto no curso livre de decoração. Naquela época, os melhores profissionais de área passaram por ali: Sergio Ferro, Luis Paulo Baraveli, Marcelo Nietsche, Ana Maria Belluzo, Ricardo Olake e muitos outros. Arquitetos, artistas plásticos, fotógrafos, outra vez jovens de talento e grande efervescência intelectual. Não havia uma clara proposta de ensino, estruturada com base em sólidos princípios da pedagogia artística, como na Escolinha. O que havia era o movimento ágil e fecundo de individualidades brilhantes e o contato com estes professores abriu-me perspectivas de uma riqueza enorme. Fui assistente de Sociologia da Arte e trabalhei diretamente com Sergio Ferro, a quem substituí quando ele se afastou, ou melhor, foi afastado pela ignorância da repressão. No curso livre de decoração dei, tremendo, minhas primeiras aulas de história da Arte, que aprendi a conhecer com meu pai. Meu pai, Paulo Machado, eu vi estudando em casa, escrevendo suas aulas em dezenas de brochuras de papel pardo, sintetizadas depois à máquina em claras fichas de papel branco. O resultado deste estudo, no qual A. Hauser foi o texto básico, era um conjunto harmônico onde as obras que ele fotografava noites a fio, se encadeavam com sua fala precisa e viva e com as músicas do período estudado. A época se reconstituía a cada aula, através da análise comparativa entre produção musical e obra plástica, apresentando aos alunos uma configuração significativa e múltipla de cada momento da história do homem.

Segui então seus passos, utilizando no início as fichas brancas, os slides e a Obra de Hauser, L. Venturi, Focillon, e tantos outros, como qualquer Freud poderia interpretar. O que Freud não poderia explicar é que este estudo

e esta prática foram para mim, mais do que uma questão edipiana, uma questão de método. Intuitivamente, eu estava buscando alicerces para meu trabalho dentro do ensino da Arte.

Antes de poder trabalhar com as crianças eu precisava conhecer Arte, o que parece óbvio hoje mas que na época não era muito claro para os inúmeros professores formados pela metodologia da Livre Expressão.

Ao mesmo tempo no IADÉ, pude experimentar incursões tanto na pesquisa da aprendizagem intelectual, quanto na aprendizagem artística. Enquanto estudava história da arte para minhas aulas, eu também me perguntava sobre o método mais adequado para que os adolescentes aprendessem a estudar. Desenvolvi uma pesquisa de leitura de texto e de escrita, já que percebi que eles não conseguiam acompanhar o raciocínio de um autor, muito menos escrever eles mesmos um texto concatenado.

Paralelamente, levei para a escola o então ilustre desconhecido Naum Alves de Souza para dirigir um grupo de alunos que queria fazer teatro. A idéia do teatro surgiu porque eu também fiquei responsável por uma disciplina horrorosa do curso colegial, cujo nome esqueci, mas que seria o equivalente a Estudos dos Problemas Brasileiros. Então eu tratava os conceitos através de encenações e depois que montamos Yerma de Garcia Lorca como parte do programa desta matéria (não me lembro mais porquê), surgiu nos alunos a paixão pelo teatro.

Trabalhei junto com Naum e quando ele abandonou as aulas, num acesso intempestivo que anunciava o astro que ele se tornou depois, fiquei sozinha fazendo teatro com os alunos. Enquanto isso eu fazia o curso de Ciências Sociais à noite.

Depois do IADÉ, foi o curso de formação de professores de Arte na escola de Fanny Abramovich. Foi bom ter passado um ano de contato com

pessoas interessantes, com a personalidade marcante de Fanny. Mas as perguntas mais importantes que eu tinha não foram movimentadas ali. Núcleo eterno da livre expressão, havia mais pedagogia do que Arte, mais barulho do que música, mais estardalhaço do que escola de samba. A Fanny é uma PERSONA. GRATA, íntegra, avassaladora, viva. Mas aprendi pouco com ela em termos de pensamento sobre o ensino da Arte.

Quando terminei o curso de Ciências Sociais, eu já estava apaixonada pela Antropologia. Resolvi então fazer pós-graduação perseguindo o que só adivinhei muito mais tarde nas palavras de Lévi-Strauss, que li avidamente durante todo o curso: ele dizia na Antropologia Estrutural que entendia por Antropologia um conhecimento do homem que associa diferentes disciplinas e métodos, com o objetivo de nos revelar um dia os impulsos secretos que movem este hóspede presente em nossos debates sem ter sido convidado: o espírito humano.

A moldura humanística da minha formação - no sentido de delimitação e molde - começou a ganhar contornos definidos com a Antropologia. Durante o mestrado sob orientação da Dra. Thekla Hartman do Museu Paulista realizei uma pesquisa sobre desenhos indígenas brasileiros, na qual pretendia discutir a famosa relação entre a produção gráfica dos "povos primitivos" e a produção gráfica da criança ocidental. Quando o núcleo da dissertação já estava pronto, os créditos cumpridos, desisti do trabalho, a partir de uma constatação que hoje considero ter sido rigorosa demais: eu achava que aquela pesquisa não teria utilidade para ninguém. Imaturidade, insegurança, falta de objetivo claro talvez. Ou talvez apenas aquele não fosse ainda o momento, ou a forma adequada para o meu propósito.

O fato é que continuei meu estudo de Arte, desta vez dando aulas de Estética na Faculdade Mosarteum. Outra vez uma experiência estimulante, o

desafio de enfrentar adultos universitários. Lembro-me que cheguei no primeiro dia com uma bibliografia que tinha autores como U. Eco, Francastel e Focillon. Logo no primeiro contato com os alunos, pedi-lhes que rasgassem aquela lista de livros, o que os deixou um tanto espantados. É que o confronto com a realidade concreta daquelas pessoas, professores de conservatórios musicais com sérias lacunas de conhecimento tornava aquela bibliografia arrogante e inadequada. Eu precisava aprender como discutir conceitos estéticos sem banalizá-los para que ficassem digeríveis e sem apresentá-los no nível formulado pelos autores, incompreensíveis dentro do repertório daqueles alunos.

Mais uma vez a semente plantada na Escolinha de Arte me foi de grande valia. É curioso notar hoje, escrevendo este texto, como minha história é um exemplo vivo da função e da importância do trabalho da Arte Educação², tal como ele é entendido por Ana Mae Barbosa e por quem teve o privilégio de aprender com ela.

Arte-Educação não é um conjunto de técnicas para ensinar arte para crianças, como muitos pensam. Trata-se na verdade de uma estrutura de pensamento, uma rede virtual de combinações cujo propósito é atualizar, em cada situação concreta de aprendizagem, o poder configurador da arte enquanto elemento essencial da experiência humana de desenvolvimento.

Então, à medida que os fatos iam se sucedendo na minha experiência profissional, no IADE, na Faculdade Mosarteum, FAAP, Santa Marcelina, na pré-escola CRIE, no primeiro grau do Rainha da Paz, era sempre esta rede de princípios que aprendi com Ana Mae e com os Arte Educadores que estudei o alicerce e o instrumento fundamental para a atualização criadora de

² Apesar de não me sentir muito à vontade com este termo - Arte-Educação, às vezes é preciso utilizá-lo pois é uma forma de comunicar-me com as pessoas que assim se acostumaram a denominar um determinado campo de conhecimento.

conhecimento que a Arte produz. Num caso eram adolescentes estudantes de decoração noutra adultos professores de música, noutra estudantes de Artes Plásticas, noutra alunos de primeiro grau. Realidades concretas as mais díspares, mas sempre um denominador comum: para qualquer ser humano, em qualquer idade, em qualquer situação de aprendizagem, a Arte tem uma função fundamental e desempenhar na qualidade da vida dessas pessoas. Isto é muito sério e importante para ser tratado com o descaso e o preconceito que esta área tem merecido dos outros vizinhos do edifício do conhecimento humano.

Entregar papel e tinta para as crianças fazerem o que quiserem não é necessariamente uma proposta que dê conta do propósito acima delineado.

É preciso estudar e muito, os vários aspectos envolvidos na aprendizagem da Arte e deixar que a curiosidade crie perguntas e mais perguntas a partir da observação de cada grupo de alunos. Rasgar listas de bibliografias e conhecimentos cristalizados, tantas vezes quantas for necessário.

Sem o respaldo da "Arte Educação" eu teria me convertido numa monótona professora de Arte, com minha atenção nos conteúdos que deveria ensinar, alheia ao processo de construção de conhecimento dos alunos. O fundamental que a Arte Educação ensina é que existe uma pedagogia intrínseca à Estética, não existe Arte sem pedagogia da Arte: a produção, a fruição, a crítica da Arte pressupõem todas uma aprendizagem dos elementos que compõem esta forma de comunicação humana, em todos os níveis.

É precisamente esta investigação de métodos para estabelecer o contato reflexivo e criador dos alunos com a arte que se constitui no propósito básico da "Arte Educação".

Lembro-me agora que preciso falar do meu percurso profissional e não escrever um tratado. Retomo então a trilha perdida.

Em 1960, por indicação de Ana Mae, concorri a uma bolsa da Fundação Fulbright e passei um ano nos Estados Unidos fazendo mestrado em Educational Theatre na Universidade de Nova York. Outra vez uma grande oportunidade de aprendizado. Menos com o conteúdo do curso e infinitamente mais com a experiência de confronto com outra realidade cultural.

O curso não era bom, o nível dos professores e alunos era bem baixo, mas mesmo assim descobri sozinho textos admiráveis na imensa biblioteca da NYU, fiz vários cursos fora da Universidade e outros fora do meu departamento, até um curso de verão na Inglaterra. Pesquisei arte terapia na área de teatro, elaborei um projeto para um centro de reabilitação de menores abandonados - como a FEBEM -, conheci o trabalho de teatro em hospital para doentes mentais, escrevi duas peças de teatro e participei de um curso de formação de atores.

E mais uma figura se revelou na minha cena inicial. Outra forma fundante: a professora da cena começou a contar uma estória para a criança diante dela.

Já há alguns anos eu utilizava a metáfora literária nos meus cursos. Lembro-me da primeira vez que contei o Espelho de Machado de Assis para meus alunos do colegial do Rainha da Paz: o silêncio presente, os olhos vivos acompanhando as imagens. Era comum também introduzir conceitos de Estética a partir da leitura de poemas e outras peças de literatura. Mas ainda não tinha me dado conta do imenso potencial da estória como instrumento de trabalho. Isto aconteceu pela primeira vez nos EUA, quando conheci uma contadora de estórias profissional, minha colega no curso da NYU. Jamais eu ouvira falar que era possível existir tal profissão. A primeira estória que contei em público, sem ser em aula, foi na Inglaterra, como parte do estudo da história do teatro organizado em Bretton Hall. Fizemos um banquete

medieval vestidos com roupas de época e cada aluno contava uma estória de um livro de Chaucer. Neaquele momento pensei que não sobreviveria àquela imensa dificuldade. Foi um verdadeiro rito de passagem, com meu inglês atropelado, com todos aqueles estrangeiros empedernidos me olhando. E deste dia em diante eu me tornei uma contadora de estórias.

Voltei para o Brasil em 81 e demorei um certo tempo para reencontrar o meu lugar e organizar a quantidade de idéias, impressões, descobertas e questões que se acotovelavam na minha bagagem fazendo um barulho enorme, chamando a atenção dos guardas da alfândega.

Foi então um belo momento de crise; o adjetivo me surge agora olhando para trás, porque na época vivi uma experiência que me parecia tudo menos bela.

As opções profissionais que caminhavam juntas até então, paralelamente seguindo cada uma seu curso independente, embora em constante interlocução, agora pareciam desafinar numa melodia desarmônica. E o conflito entre a atriz e a educadora se acirrou até o limite máximo. Depois da tempestade, a bonança: surgiu uma nova síntese, no céu claro de inverno.

Os primeiros brotos da primavera começaram a nascer na ECA, quando Ana Mae me convidou para participar do Curso de Especialização em Arte Educação que ela acabava de criar. Vocês devem estar pensando: Ana Mae outra vez?

Isto mostra que fadas madrinhas não existem apenas em contos de fadas. O que posso fazer se a minha estória apresenta uma indiscutível semelhança com um verdadeiro conto tradicional? Perigos, desafios e de repente numa curva do caminho surge a fada. Mais tropeços e precipícios, outra vez a fada. É assim que o herói chega a cumprir sua tarefa. Há também dragões e espíritos maus, senão não teria graça nenhuma. Ainda bem que eu

sei que não é apenas a minha estória que é assim, mas a de todos os seres humanos que querem aprender. Não há nada de especial nisso.

O curso de Especialização foi outro marco na história do ensino da Arte no Brasil, concebido pela ampla visão de Ana Mae. Mais uma vez ela cumpriu sua função de abrir trilhas em floresta fechada. Foi o primeiro curso de especialização da ECA e frutificou em outros criados em seguida, o primeiro deles também com a participação de Ana Mae (especialização em Ação cultural, no qual dei uma disciplina) e o segundo elaborado por Ingrid D. Koudela, de teatro na educação. Foi também uma experiência pioneira na nossa área, única no Brasil. Recebíamos alunos de vários estados brasileiros, até do exterior (tivemos duas alunas colombianas). O curso funcionava dentro da pós-graduação, com duas optativas por semestre escolhidas pelos alunos entre as disciplinas da pós. Além destas havia uma disciplina obrigatória, a cada ano ministrada por um professor convidado por Ana Mae, e um seminário anual que eu coordenava.

Foi neste seminário que pude começar a elaborar a síntese que resultou na minha tese de doutorado.

O encontro com os professores de Arte das mais variadas procedências e diversos níveis de formação me estimulou a pesquisar caminhos pedagógicos que propiciassem a reflexão e a produção criadora desses professores. Foi então que comecei a utilizar os contos tradicionais como instrumento central do meu trabalho.

Como na história de Fátima, a fiandeira, a tecelã e a construtora de mastros de navio se juntaram para construir uma tenda para o Imperador. O teatro, os conceitos estéticos, a história da Arte, os contos, alquimizados na experiência transformadora da Arte Educação construíram conjuntamente uma

tenda, uma forma para meu trabalho. A primeira forma clara, estruturada, com possibilidade de se aprofundar em várias direções.

A primeira direção foi o trabalho de formação de professores no curso de especialização, que se estendeu para a graduação quando fui contratada em 84 pelo Departamento de Artes Plásticas para a disciplina Prática de Ensino com estágios supervisionados, até então ministrada por Ana Mae. Este trabalho estendeu-se também nos inúmeros cursos que comeci a dar nas escolas particulares e na rede estadual e municipal de ensino, em São Paulo e em outros estados brasileiros.

Produto e consequência desta direção foi a pesquisa que supervisionei na Escola Miguilim, com o objetivo de implantar dentro do currículo escolar - da pré-escola ao 1o. Grau - um trabalho de Arte Educação através dos contos tradicionais.

É muito comum na pré-escola as professoras contarem histórias para as crianças. Mas em geral não há critérios claros para a escolha das histórias nem princípios que estabeleçam uma metodologia de trabalho para que haja aprendizagem através do conto. O que pensávamos na Escola Miguilim era uma forma de trabalho criador cujo eixo eram as histórias. Cada conto era escolhido de acordo com as características de um grupo de crianças de determinada idade e tinha estreita relação com o modo como estas crianças entendiam o mundo. A história acompanhava o grupo durante algum tempo, possibilitando que as crianças se contassem sua própria história, recriando-a continuamente e descobrindo suas significações, através da experiência com o conto.

Uma outra direção apontada por esse trabalho foi a pesquisa terapêutica que realizei durante dois anos com duas psicólogas. Recebemos vários grupos de pacientes que uma vez por semana viviam um processo

criador em conjunto, trabalhando um determinado conto; outra vez tinham sessões individuais de terapia com as psicólogas onde trabalhavam o material que emergia nas sessões em que viviam os personagens do conto, configurando suas imagens em desenhos, dança, teatro e composições sonoras.

Outra direção se estabeleceu nas noites de estórias das sextas-feiras, que criei na Escola Miguilim para adultos. Esta experiência foi iniciada a partir de uma carta que recebi de um contador de estórias canadense, que entre outras coisas inventou as mil e uma noites de estórias das sextas-feiras. Achei a idéia interessante, embora não tivesse certeza se daria certo no Brasil. Adultos costumam imaginar que estórias são para crianças. Era muito interessante observar as pessoas chegando nas nossas noites, algumas desconfiadas, outras um tanto sem graça, outras apenas curiosas, outras para acompanhar alguém. Então elas sempre se surpreendiam ao perceber que ouvir estórias fazia sentido para elas e mais do que isso, lhes proporcionava um verdadeiro momento de fruição estética.

Porque ali não contávamos estórias de fadas do tipo Chapeuzinho Vermelho, mas sim verdadeiras obras da arte narrativa de tempos imemoriais. Estórias de diferentes tradições, coloridas com os matizes de cada cultura, mas sempre falando da aventura humana de conhecer e dar forma ao desconhecido. E o trabalho deu certo, havia uma média de 60 pessoas por noite.

Pude exercitar a arte da narração aumentando meu repertório, desenvolvendo diferentes técnicas e comecei a fazer espetáculos de estórias em São Paulo e também no Rio de Janeiro. A característica fundamental deste trabalho é que ele propõe uma releitura da atividade de contar estórias como uma forma de Arte Educação, recuperando os princípios estéticos da Arte narrativa oral e traduzindo sua possibilidade de atuação para a cultura de

nessa época. Não se trata de uma busca romântica e sentimental de uma reminiscência do passado, mas de uma atualização criadora que leva em consideração as necessidades e traços culturais do ser humano contemporâneo.

Em 1987 comecei a trabalhar na minha tese de doutorado. Desta vez eu soube desde o início que não abandonaria o projeto, pois eu tinha clareza da significação que ele tinha na minha vida, como fruto direto e confluência de todos os caminhos de atuação profissional que eu vinha exercendo até então.

Os inúmeros cursos que eu vinha ministrando tanto na ECA como em outras instituições haviam me propiciado um amplo material de reflexão estreitamente vinculada à prática do ensino de Arte. Minha intenção era clara: escrever para os professores de Arte falando de uma fundamentação para seu trabalho, da sua função profissional e apresentando um método para sua formação que levasse em conta suas necessidades e suas características. O núcleo central da tese foi a sistematização ancorada em princípios antropológicos e estéticos de um modo de atuar no ensino da Arte através da colaboração interdisciplinar da Arte Educação com o conto da tradição oral.

Em 1988 fui convidada por Paulo Freire para participar da equipe de assessores que deveria orientar a reformulação curricular da rede municipal de ensino. Por mais que estivesse envolvida com a redação da tese, não podia recusar este trabalho.

A equipe de Educação Artística era coordenada por Ana Mae e por mim e depois de passar por várias reestruturações, reduziu-se a um pequeno grupo: Joana Lopes dividia comigo a coordenação do trabalho e junto conosco Rosa Javelberg, Cristina Rizzi Cintra e Pedro Paulo Salles. Foi a primeira vez que me vi trabalhando em uma equipe que funcionou admiravelmente.

Em 89 propusemos um projeto que se cumpriu satisfatoriamente sob a habil condução de Joana Lopes e realizado com rigor profissional e dedicação extrema por Rosa Iavelberg e Cristina Rizzi Cintra, que haviam sido alunas do curso de Especialização em Arte Educação na ECA e que hoje seguem também suas carreiras acadêmicas: Cristina defendeu seu mestrado em 89 e Rosa está terminando sua dissertação.

O ano de 91 trouxe dois novos desafios para o meu percurso. O primeiro deles foi a reformulação do curso de Especialização em Arte Educação.

Este curso começou a funcionar desvinculado da pós-graduação a partir de 91, estruturado com três disciplinas no primeiro semestre e quatro no segundo. Assumi a coordenação do curso chamando os professores Paulo Portella Pq, Rosa Iavelberg e Maria Christina Rizzi para fazerem parte do corpo docente. Juntos, inicialmente Paulo, Rosa e eu, montamos uma estrutura interligada, visando focalizar em cada curso aspectos específicos da formação do professor de Arte. No primeiro e segundo semestres o curso de Paulo Portella tabalha o percurso criador do professor em artes plásticas; o curso de Rosa Iavelberg analisa a prática em sala de aula, tendo como referência teórica básica o construtivismo sócio interacionista de Piaget e Vigotsky. O meu curso visa propiciar a cada aluno a experiência de uma síntese criadora relacionando os outros dois cursos a uma reflexão e uma experiência de ordenar a compreensão dos fundamentos e da função do seu trabalho. No segundo semestre, além desses cursos, há o curso de M. Christina Rizzi que diz respeito ao percurso do professor como apreciador de Arte, vinculando-se à prática educativa em museus.

Outro desafio que se me apresenta agora é a elaboração de um livro para professores de Arte. Este projeto que atualmente desenvolvo como parte

de meu programa em RDIDP já estava enunciado na introdução de minha tese de doutorado:

"Escrever este trabalho foi um desafio e um compromisso. (...) O compromisso é o de oferecer a outros tantos professores de Arte a possibilidade de conhecer este trabalho, os princípios que o orientam, como um material que seja útil para sua prática criadora."

A construção do texto da Tese me forneceu elementos para enunciar necessidades básicas dos professores de Arte brasileiros, suas principais carências conceituais e a falta de clareza sobre sua identidade sócio-cultural, em grande parte responsáveis pelo desconhecimento que têm de sua real função. Escrever para esses professores implica antes de mais nada em investigar como se constitui sua visão e seu discurso sobre a natureza do seu trabalho. A partir desses dados poderei construir uma FALA que possibilite uma comunicação efetiva com esses professores.

Discorrer sobre o presente não é tão fácil como recordar antigos percursos.

Guimarães Rosa disse:

"Contar é muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que tem certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, uns com os outros acho que nem não se misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo coisas de rasa importância. Assim é que eu acho, assim é que eu conto. O senhor foi bondoso de me ouvir."

Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras de recente data. O senhor mesmo sabe; e se sabe, me entende. Toda saudade é uma espécie de velhice."

Além disso, a estória de Fatima foi feita e concluída há mais de mil anos atrás e a minha estória tem sido esta até onde eu pude contar. Chegar até a China. bem, isto é uma outra estória que fica para uma outra vez.

CURRICULUM VITAE

DADOS PESSOAIS

Nome: REGINA STELA BARCELOS MACHADO

Filiação: Paulo Ramos Machado
 Maria Stella Barcellos Machado

Data de Nascimento: 07/04/1950

Naturalidade: S. Paulo - SP

Nacionalidade: Brasileira

Estado Civil: Casada

R.G. : 4.321.383

CIC: 895.657.038-87

Título de Eleitor: 452.880

Carteira Profissional: 35.802 série 3350

Endereço: R. Prof. Túlio Ascarelli, 70

 CEP: 05449 São Paulo - Capital

Telefone: (011) 62 8718

DADOS PROFISSIONAIS

Professor-Assistente Doutora

Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443

CEP: 05508 São Paulo - Capital

F.: (011) 813 3222 - ramais 2084 e 2096

Doc. 1

FORMAÇÃO ACADEMICA

Curso de Graduação

1968/72

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Departamento de Ciências Sociais São Paulo/SP

Grau obtido: Bacharel

Doc. 2

PÓS - GRADUAÇÃO

Curso de Pós-Graduação

1972/74

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Departamento de Ciências Sociais

Área: Antropologia Social

(não concluído)

São Paulo/SP

Disciplinas cursadas:

1973 - Teoria Antropológica Clássica

1973 - Teoria Social da Comunicação

1974 - Antropologia das Sociedades Simples

Doc. 3

1980/81

New York University

New York - USA

Área: Educational Theatre

Grau obtido: Master of Arts

Doc. 4

1989

Tese: Arte Educação e o Conto de Tradição Oral: Elementos para uma Pedagogia do Imaginário

Orientador: Prof. Dra. Anna Mae Barbosa

Data da Defesa: 08/12/1989

Grau obtido: Doutora

Doc. 5

Disciplinas Cursadas na Pós-Graduação para a obtenção de título

Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo

Arte Educação em Museus

Prof. Udo Liebelt

Doc. 6

Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo
Educação para a Arte e o Design
Prof. David Thistlewood
Doc. 6

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Arte Educação e Ação Cultural
Prof. Paulo Freire
Doc. 6

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
A canção de massa
Prof. Waldenir Caldas
Doc. 6

CURSOS REALIZADOS PARA FORMAÇÃO

1967

Instituto de Arte e Decoração - IADE S. Paulo/SP - Doc. 7

História da Arte
Duração: 1 ano
Prof.: Paulo Ramos Machado

Sociologia da Arte
Duração: 1 ano
Prof.: Sergio Ferro Pereira

Introdução ao Cinema Brasileiro
Duração: 1 ano
Prof.: Jean Claude Bernadet

1968

Escolinha de Arte de São Paulo - SP
Arte Aplicada à Educação - 1º semestre
Prof.: Anna Mae T. B. Barbosa
Doc. 8

Expressão Corporal
Duração: 1 ano
Prof.: Rennée Gumiel

1969

Expressão Corporal
Grupo Lobos de Buenos Aires
Duração: 1 ano
Prof.: Carlos Traffic

1971

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Psicologia da Arte
Duração: 1 ano
Prof.: Rafael Buongermono
Doc. 9

1972

Departamento de Filosofia da USP
Estética
Duração: 1 ano
Prof.: Gilda de Mello e Sousa
Doc. 9

Departamento de Letras Clássicas da USP

Introdução aos Estudos Literários

Prof.: Maria Teresa Vara

Doc. 9

CEAT - São Paulo/SP

Formação de Professores de Arte

Duração: 1 ano

Prof.: Fanny Abramovich

Doc. 10

1973

CRIAR - Centro de Educação Criativa - S.Paulo/SP

Criatividade na Escola - 1º semestre

Prof.: Lúcia Brito

Doc. 11

1975

CRIE - Centro de Reciclagem Infantil Especializada - S.Paulo/SP

Dinâmica de Grupo

Prof.: Lauro de Oliveira Lima

Doc. 12

Escolinha de Arte do Brasil - Rio de Janeiro/RJ

Seminário sobre o lazer

Expressão Corporal

Duração: 1 ano

Prof.: Antonio Joaquim de Abreu, sob orientação de Ivaldo Bertazzo

1977

Teatro de Arena de São Paulo

Oficina de Teatro

Prof.: Illo Krugli

1979

Clinica Psicoterapêutica

Grupo Sem Palavras

Prof. Dr. José Angelo Gaiarsa

Clinica Psicoterapêutica

Luta Marcial Chinesa - Ken Po

Prof.: Joo de Brito

1980

Ansonia Hotel

Nova York - USA

Formação de Atores

Prof.: Thurman Scott

Nova York - USA

Educação Rítmica

Prof.: Victoria Santa Cruz

1981

Bretton Hall - College of Higher Education

Inglaterra

Curso de Verão da New York University

Doc. 13

1982

Academia Ka-don
Tai-Chi-Chuan
Prof.: Michel Veber

17 a 25/11/1990

Penedo - Rio de Janeiro/RJ
Harmonização do Corpo Sensível
Prof.: Jean Paul Resseguier
Doc. 14

ATIVIDADES DIDÁTICAS

1969

Escolinha de Arte de São Paulo
Prof. Assistente
Profs.: Anna Mae Barbosa, Joana Lopes e Madalena Freire
Doc. 15

1970

Instituto IADE
Assistente de História da Arte e Sociologia da Arte (trabalho realizado com os profs. Sergio Ferro Pereira e Wilson Vieira)
Professora do Curso Técnico de Desenho e Comunicação
Professora de História da Arte no Curso Livre de Decoração
Doc. 16

1971

Instituto IADE
Desenvolveu um projeto de aprendizado de leitura de textos para os alunos do curso técnico
Criou o curso livre de teatro, no qual trabalhou com o Prof. Naum Alves de Souza
Doc. 16

1974

Faculdade de Música Mosarteum

Professora de Plástica

Doc. 17

CRIAR - Centro de Educação Criativa

Participa da equipe como professora

Doc. 18

1975

CRIE - Centro de Reciclagem Infantil Especializada

Professora de Expressão Artística

Orientadora da área Expressiva

Doc. 19

Realizou experiência de Teatro Infantil com um grupo de adolescentes que resultou na peça OIAGAPAP

1976

Faculdade de Música Mosarteum

Professora de Formas de Expressão e Comunicações Artísticas

Doc. 20

Instituto de Artes da Universidade de Goiás - GO

5º Festival de Música e Artes Plásticas

Professora de Teoria e Arte no curso Visão da Arte Contemporânea

Doc. 21

1977

Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado

Professora de Instrumentação para o Ensino

Doc. 22

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Professora de Fundamentos da Arte-Educação (substituindo a Prof. Dra. Anna Mae Barbosa)

Doc. 23

Colégio Rainha da Paz

Professora de Educação Artística

Doc. 24

1978

FAAP - Fundação Armando Álvares Penteado

Professora de Instrumentação para o Ensino

Doc. 22

Faculdade Santa Marcelina

Professora de Prática de Ensino

Doc. 25

Pinacoteca do Estado

Contratada para efetuar curso de Teatro para adolescentes

Doc. 26

1978/79

IDART - Área de Artes Plásticas

Contratada pela Prefeitura Municipal de São Paulo

1979

Faculdade Santa Marcelina

Professora de Prática de Ensino

Doc. 25

Domingo no Parque

Inicia Projeto de Pesquisa DOMINGO NO PARQUE, uma experiência de teatro com um grupo de jovens.

Universidade de São Paulo

Participa do Programa de Integração Universidade Escola efetuando uma oficina de teatro para professores da Rede Estadual.

1984

Escola Via Láctea

Professora do Curso ERA UMA VEZ A ARTE DE CONTAR ESTÓRIAS

Doc. 26

Escola de Comunicações e Artes da USP

Professora do Seminário "Fundamentos Psico-Pedagógicos da Arte-Educação", disciplina do curso de Especialização oferecido pela Pós-Graduação

Doc. 27

1985

Pré Escola Dominó

Professora do curso ERA UMA VEZ A ARTE DE CONTAR ESTÓRIAS

Escola de Comunicações e Artes da USP

Professora do Seminário "Fundamentos Psico-Pedagógicos da Arte-Educação", disciplina do curso de Especialização oferecido pela Pós-Graduação

Doc. 27

Faculdade de Filosofia de São José do Rio Pardo - SP

Professora do Curso de Extensão Universitária

Doc. 28

1986

Escola de Comunicações e Artes da USP

Professora do Seminário no Curso de Especialização em Arte-Educação

Doc. 27

Departamento de Biblioteca Infante-Juvenil da Secretaria Municipal de Cultura - SP

Participação do curso "A leitura do livro infantil em sua dinâmica e linguagem".

Curso ministrado: Além do texto e da imagem: a ação

Doc. 29

Escola de Comunicações e Artes da USP

Professora do Curso de Especialização em Ação Cultural na disciplina "O Grupo em Ação Cultural".

Doc. 30

Escola da Vila

Professora do Curso ERA UMA VEZ A ARTE DE CONTAR ESTÓRIAS

Doc. 31

1987

Oficinas Culturais 3 Rios

Curso Ministrado: ERA UMA VEZ A ARTE DE CONTAR ESTÓRIAS

Doc. 32

Escola de Comunicações e Artes da USP

Professora do Seminário no Curso de Especialização em Arte-Educação

Doc. 27

Departamento de Artes Plásticas - ECA/USP

Professora de Prática de Ensino com Estágios Supervisionados

Doc. 33

1988

Escola de Comunicações e Artes da USP

Professora do Seminário no curso de Especialização em Arte-Educação

Doc. 27

Centro Cultural São Paulo

Oficina: "A arte de contar histórias", para a 3ª idade

Doc. 34

Departamento de Artes Plásticas - ECA/USP

Professora de Prática de Ensino com Estágios Supervisionados

Doc. 33

UDESC - Florianópolis - SC

Professora da disciplina Pesquisa Qualitativa em Arte-Educação no curso de Especialização em Arte-Educação

Doc. 35

Secretaria do Bem Estar Social - Jacareí - SP

Professora do curso ERA UMA VEZ A ARTE DE CONTAR ESTÓRIAS

Doc. 36

Arujá - Estado de São Paulo

Professora do Curso ERA UMA VEZ A ARTE DE CONTAR ESTÓRIAS

Doc. 37

Bienal do Livro

Coordena a oficina Arte-Educação e o Conto de Tradição Oral

Doc. 38

1988

Escola de Comunicações e Artes da USP

Professora do Seminário no Curso de Especialização em Arte-Educação

Doc. 27

Departamento de Artes Plásticas da ECA/USP

Professora de Prática de Ensino com Estágios Supervisionados

Doc. 33

Instituto Brasil-Alemanha

Professora do Curso ERA UMA VEZ A ARTE DE CONTAR ESTÓRIAS

Doc. 39

FDE - Fundação para o Desenvolvimento da Educação - SP

Professora do Curso ERA UMA VEZ A ARTE DE CONTAR ESTÓRIAS

Doc. 40

1990

Escola de Comunicações e Artes da USP

Professora do Seminário no Curso de Especialização em Arte-Educação

Doc. 27

Departamento de Artes Plásticas da ECA/USP
Professora de Prática de Ensino com Estágios Supervisionados
Doc. 33

Escola Miguilim - Guimarães Rosa - São Paulo/SP
Coordena oficina para preparação didática dos professores
Doc. 41

Secretaria Municipal de Educação - SP
Coordena curso de 30 horas para professores da Rede Municipal como parte do programa de assessoria da equipe de Educação Artística no convênio USP-Secretaria Municipal de Educação

Instituto Brasil-Alemanha
Professora do curso ERA UMA VEZ A ARTE DE CONTAR ESTÓRIAS
Doc. 42

Secretaria do Bem Estar Social - SP
Professora do curso "A criança e a produção simbólica" para as creches municipais
Doc. 43

FDE - Fundação para o Desenvolvimento da Educação
Professora do Curso "Era uma vez a arte de contar estórias"
Doc. 40

Secretaria Municipal de Educação - Jacareí - SP
Professora do curso "Era uma vez a arte de contar estórias"
Doc. 44

Bienal Internacional do Livro
Coordena a oficina para preparação didática
Doc. 45

1991

Escola da Vila

Professora do curso "A imaginação criadora e o trabalho de Artes Plásticas na escola", junto com a profa. Rosa Iavelberg

Doc. 46

Secretaria Municipal de Educação - Jacareí - SP

Professora do curso "A arte de contar histórias e sua função na aprendizagem"

Doc. 47

Escola de Comunicações e Artes da USP

Departamento de Artes Plásticas

Elaboração do novo curso de Especialização em Arte-Educação

Doc. 48

Escola de Comunicações e Artes da USP

Departamento de Artes Plásticas

Professora da disciplina "Fundamentos e Função do Professor de Arte" no curso de Especialização em Arte-Educação, reestruturado a partir de 1991

Doc. 49

Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Estado de São Paulo

Campinas-SP

Professora do curso "Oficina de contos de fadas"

Doc. 50

ATIVIDADES TÉCNICAS E ADMINISTRATIVAS

Coordenação

1989/90

Escola Miguilim - Guimarães Rosa - SP

Supervisora da Área de Artes

Assessora da implantação do projeto Contos Tradicionais

Doc. 51

1989

Coordenadora, junto com Anna Mae Barbosa e Joana Lopes, da equipe de Arte-Educação que assessora o Prof. Paulo Freire na reformulação curricular das escolas municipais

Doc. 52

Secretaria Municipal de Educação

Coordenadora do seminário sobre o ensino de Arte nas escolas particulares

Doc. 53

1990

Secretaria Municipal de Educação

Coordenadora da equip[e de assessoria na Área de Educação Artística no convênio USP - Secretaria Municipal de Educação

Escola de Comunicações e Artes da USP

Elabora projeto do novo curso de Especialização em Arte-Educação

Doc. 48

Secretaria Estadual da Educação

Coordenadora do convênio USP-CENP na Área de Educação Artística

Doc. 54

1991

Escola de Comunicações e Artes da USP

Departamento de Artes Plásticas

Coordenadora do novo curso de Especialização em Arte-Educação

Doc. 48

Comissões

1987/91

Escola de Comunicações e Artes da USP

Membro da Comissão de Graduação da ECA/USP

Doc. 55

1990

Museu de Arte Contemporânea da USP

Participação da Comissão julgadora de processo seletivo para admissão de um técnico especializado em museus-Arte-Educação

Doc. 56

Escola de Comunicações e Artes da USP

Participa da Comissão dos cursos de Especialização no Seminário de Avaliação da Pós-Graduação

Doc. 58

Escola de Comunicações e Artes da USP

Participa da Comissão de Estudos das FECAS junto com o Departamento de Teatro e Música

Doc. 58

1990/91

Departamento de Artes Plásticas da ECA/USP

Membro do COC, comissão coordenadora de cursos do Departamento de Artes Plásticas

Doc. 57

1991

Pico do Jaraguá - SP

Participa do Seminário ECA-93

Doc. 60

Participação em Bancas

1990

Exame de qualificação

Aluna: Maria Lilian S. T. Fongaro

Dissertação: "A Arte-Educação como agente no processo da identidade"

Doc. 61

Exame de qualificação

Aluna: Denise Grinspum

Dissertação: Ação educativa em Museu de Arte: Intervenção, Tradução e Transformação da Linguagem das Exposições

Doc. 61

Exame de qualificação

Aluna: Maria Christina Rizzi Cintra

Dissertação: Leituras de Fragmentos

Doc. 61

Banca Examinadora

Aluna: Maria Christina Rizzi Cintra

Dissertação de Mestrado: Leituras de Fragmentos

Doc. 62

1981

Banca Examinadora

Aluna: Denise Grinspum

Dissertação: Ação educativa em Museu de Arte: Intervenção, Tradução e Transformação da Linguagem das Exposições

Doc. 63

Exame de qualificação

Aluna: Lucimar Bello Pereira Frange

Dissertação: Por que se esconde a violeta? Uma concepção de desenho

Doc. 64

PESQUISAS REALIZADAS

1971

IADE

Projeto de aprendizado leitura de textos para os alunos do curso técnico

1978

Prefeitura Municipal de São Paulo

Contratada para trabalhar no IDART na Área de Artes Plásticas

Pesquisa: A Praça da Sé

1979

DOMINGO NO PARQUE

Projeto de pesquisa DOMINGO NO PARQUE, uma experiência de teatro com um grupo de jovens

1981

Escolas Públicas de Nova York

Participação do projeto INCENTIVO AO JOVEM DRAMATURGO realizado por Gerald Chapman

1987/90

Escola Miguelim

Supervisora do projeto de pesquisa "O conto de tradição oral como instrumento metodológico no 1o Grau"

1987

Escola de Comunicações e Artes da USP

Inicia pesquisa sobre um método pedagógico fundado na relação entre a Arte-Educação e o conto de tradição como parte do RDIDP na ECA/USP e que resultou em tese de Doutorado

1990/91

Escola de Comunicações e Artes da USP

Pesquisa para a construção de um livro específico para professores de Arte a partir da pesquisa que está sendo realizada como parte do RDIDP na ECA/USP (em andamento)

Assessoria

1985

DEPLAN - Prefeitura Municipal de São Paulo

Assessora no Projeto com as assistentes de Atividades Artísticas da Rede Municipal

Doc. 65

1986

CENP - Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria de Estado da Educação
Assessora do Projeto IPE e na Proposta para o Ensino de Educação Artística no 1º e 2º Graus
Doc. 66

ATIVIDADES DE DIFUSÃO CULTURAL

Participação em Congressos, seminários e outros

07/75

Centro Internacional de Estudos Pedagógicos - Sevres/França
XXXVII Congresso da INSEA - International Society for Education Through Art
Doc. 68

1978

Departamento de Biblioteca Infanto-Juvenil da Secretaria Municipal de Cultura
Participante do ciclo de estudos de Arte-Educação, como conferencista
Doc. 69

14 a 17/09/85

Centro de Estudos da Escola da Vila
Palestrista
Doc. 70

1987

Participação do 1º Encontro de Agentes Culturais do Estado de São Paulo como membro da comissão organizadora e com uma comunicação
Doc. 71

1988

Participação do Projeto "Quero Ler" promovido pelo Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis da Secretaria Municipal de Cultura com uma conferência
Doc. 72

1989

Escola de Comunicações e Artes da USP

32 Simpósio Internacional sobre o Ensino da Arte, coordenado pela Prof. Dra. Anna Mae Barbosa

Doc. 73

Instituto Sedes Sapientiae - SP

Participação de mesa redonda no curso de especialização em Arte Terapia coordenado pela Prof.

Selma Giornai

Doc. 74

30/06/90

MAC/USP e Escola da Vila

Encontro sobre o Ensino da Arte: Avaliação e Perspectiva

Doc. 75

27 e 28/08/90

11ª Bienal Internacional do Livro

Seminário de literatura, Arte e Educação

Coordenadora de Oficina

25 a 27/04/90

Faculdade de Letras da USP

Simpósio de Literatura Infanto-Juvenil

Palestra: "Arte-Educação e o Conto de Tradição Oral: Relato de uma experiência de trabalho"

Doc. 76

11 e 12/06/90

Faculdade de Educação USP - LABRIMP

22 Congresso Brasileiro do Brinquedo na Educação de Crianças de 0 a 6 anos

Coordenadora de Oficina

Doc. 77

24 a 27/07/90

Jacareí - SP

Congresso: 2ª Semana de Educação

Atividade: Oficina

Doc. 78

1991

Escola Vera Cruz - SP

Coordenação de Seminário: A Arte de Contar Estórias, durante a semana de Planejamento

Doc. 79

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas - USP

Participação como palestrante do curso de Atualização coordenado pela Prof. Dra. Nelly N. Coelho

Doc. 80

Secretaria do Bem Estar Social - SP

Participação como palestrante

Doc. 81

Museu de Arte Contemporânea da USP

Participação do Encontro: Tendência atual do ensino da Arte

Doc. 82

ATIVIDADES ARTÍSTICAS PÚBLICAS

Participação em Atividades Teatrais

1975

CRIE

Experiência de Teatro Infantil com um grupo de adolescentes que resultou na peça OIAGAPAP

1977

Colégio Rainha da Paz

Montagem da peça "Domingo no Parque" com adolescentes

1982

Academia Ka-non

Montagem da peça "Os Habitantes da Ilha"

1984

Campinas - SP

Montagem da peça "Os Habitantes da Ilha"

Atividades como contadora de estórias

1988

Escola Miguilim

Noites de Estórias das Sextas-feiras

Doc. 83

Escola Galileu Galilei - SP

Apresentação junto com Samuel Napolitano para as classes da pré-escola

Doc. 84

Museu da Casa Brasileira - SP

Apresentação junto com Samuel Napolitano

Doc. 85

Espaço Cultural Yázigi - SP

Contadora de Estórias

Doc. 86

SESC Pompéia - SP

Contadora de Estórias

Doc. 87

1989

Escola Miguilim

Noites de Estórias das sextas-feiras

Doc. 83

Livraria Casa de Livro

Noites de Estórias

Doc. 88

Escola Casinha Pequeninã - SP

Espetáculo de estórias com Samuel Napolitano e Rosana Pamplona

Instituto Thame - SP

Um Espetáculo de Estórias

Doc. 89

Instituto Solaris - Rio de Janeiro/RJ

Dois Espetáculos de Estórias

1990

Escola Miguilim

Noites de Estórias das sextas-feiras

Doc. 83

Grupo de Contadores de Estórias AS CHAVES

Narradora da gravação de duas fitas cassetes: CONTOS DA TRADIÇÃO ORAL I e II

21/03/90

Instituto Thame

Espetáculo de Estórias

Doc. 89

1991

25/01 - TV Cultura - Canal 2

Programa Escola Viva

Matéria sobre as Noites de Estórias da Escola Miguilim

Doc. 90

15 e 16/03 - Granja Viana - SP

Noites de Estórias das sextas-feiras

Doc. 91

Escola Vera Cruz

Apresentação de Estórias para a pré-escola

Doc. 92

Centro de Iniciação Artística Jabaquara

Prefeitura Municipal de São Paulo

Apresentação de Estórias para os alunos

Doc. 93

Colégio Magno - SP

Apresentação de estórias para os alunos da 4ª série

Doc. 94

14/06 - Escola Carlitos - SP

Noite de Estórias

PUBLICAÇÕES

1982

10/1982

Revista Arte - no 2 - São Paulo

"Sobre o teatro na educação: em busca do equilíbrio perdido"

Revista Arte - São Paulo

"O feijão, o sonho e o delírio"

Doc. 95

1983

CENP - Secretaria Estadual de Educação - SP

"A curiosidade, uma senhora desconhecida", in Projeto IPE

Doc. 66

1985

Editora Max Limonad - SP

"Relatório de Experiência", in Anna Mae T. B. Barbosa - Arte-Educação: conflitos e acertos

Doc. 96

1988

CENP - Secretaria Estadual de Educação - SP

"Abc ed asac - A função da Arte no Magistério"

Doc. 66

1991

FDE - Revista Idéias - SP

"O Conto de Tradição Oral e a Aprendizagem do Professor"

BOLSAS E AUXÍLIOS OBTIDOS

1980/81

Universidade de Nova York - USA

Bolsista da Fundação Fulbright realizando mestrado em Teatro/Educação com especialização em

Drama-Therapia

Doc. 97